



DO OUTRO LADO ESTÁ O TREM: AS ESCOLHAS NA VIDA DE UMA MULHER – NO FILME *AS HORAS*.

Ana Adelaide Peixoto Tavares ¹

A vida é como um filme que a gente vê no cinema. A vida é como uma história que a gente escreve.
(filme *A Dona da História*)

Virginia Woolf era uma escritora profundamente conectada com o não dito; àquilo que as palavras não alcançam, e conseqüentemente para suprir essa lacuna, se valia das imagens. No seu livro *Moments of being*, ela fala da unidade indivisível do espaço/personagem quando descreve suas lembranças do mar, em St. Ives; das impressões das ondas e da bolinha da persiana; do seu olhar “através de um filme amarelo semi-transparente; das flores cintilantes”; coloca-se na condição de pintora: “Se eu fosse pintora...”. Woolf queria que o que fosse visto, fosse ao mesmo tempo ouvido, onde som e imagem parecessem formar partes iguais das primeiras impressões.

Para Woolf, os sentidos todos formariam esse tudo, onde as imagens se entrelaçariam com os fatos, onde a força das impressões faria divagar, e essas sensações seriam mais reais do que o momento presente. E ela também se perguntava se, as coisas que sentimos um dia com muita intensidade teriam uma existência independente de nossas mentes, e existiriam de fato. Para ela, o passado era “[...] como uma avenida que ficou para trás; uma longa faixa de cenas e emoções. Lá no fim do silêncio da avenida estão o jardim e o nosso quarto. Em vez de me lembrar de uma cena aqui e de um som ali, vou ligar a tomada na parede; e ouvir o passado” (1985, p. 76-79).

Virginia gostava de criar cenas como forma de apreender o passado, e ela define assim uma cena:

Uma cena sempre vem à tona; ordenada; representativa. Isso confirma a minha idéia instintiva – ela é irracional; não admite discussão – de que somos recipientes vedados flutuando naquilo que se convencionou chamar realidade; em determinados momentos, sem nenhuma razão, sem nenhum esforço, o dispositivo de vedação se rompe; a realidade invade o recipiente; isso é uma cena (1985, p.164).

Woolf ainda afirmava que, sempre que escrevia sobre uma pessoa, tinha de encontrar uma cena representativa em sua vida (1985, p.165).

E assim como Virginia, quis também encontrar as “minhas cenas” do filme *As Horas*, para falar das personagens e dos temas escolhidos, no trabalho de Tese de Doutorado: “*Que Mergulho! O Espaço Vertiginoso da Subjetividade Feminina no Romance/filme As Horas*”. Cenas que

¹ Doutora UFPB



representassem os “meus assuntos”, que tocassem a “minha trilha sonora” e repercutissem às “minhas ondas de realidade”.

O crítico Ismail Xavier define assim uma cena:

[...] forma de apresentação detalhada de uma situação específica com unidade de espaço e continuidade de tempo. O que ocorre num determinado lugar é descrito em pormenor de modo a podermos compor uma imagem da interação entre personagens bem identificadas, saber exatamente o que dizem e ter um senso da duração do evento (2003, p. 72).

No entanto, minhas cenas escolhidas, denominei-as Seqüências, já que analisei Cenas que se estendem, que se mesclam uma nas outras, pela própria construção do filme. A seqüência aqui analisada foi a última de uma série de quatro: Seqüência 4: NA ESTAÇÃO DO TREM – UM PORTAL E UM DESTINO, onde a explosão de todo um sentimento de incompletude e uma tentativa inútil de apreensão do caráter fugidio da vida, desencarrilaram em dor psíquica em busca de um destino todo nosso.

Cada vez que se vê um filme, é sempre um olhar inaugural; tentar plasmar o momento (assim como a própria Virginia Woolf falou tantas vezes); apertar o botão de pause, *rewind e forward* inúmeras vezes, num vai e vem narrativo, que sem nos dar conta, estamos a construir um outro filme, despedaçado, mas urgindo por uma outra montagem.

Acredito que a minha escolha de *As Horas* não foi gratuita. Tinha um fio do tecer com minhas próprias indagações existências, feministas, pessoais e um outro fio também, que me ligava fortemente à mulher e à escritora Virginia Woolf. Os temas do filme/livro, eram temas que me tocavam/tocam profundamente. Mais até do que tocar, eles me invadiam e inundavam minha alma em instantes de desmanche e desintegração, talvez assim como os mergulhos ou vertigens das personagens analisadas: Mrs. Woolf no rio; Mrs. Brown no quarto de hotel e Mrs. Dalloway na sua cozinha, E Mrs. Woolf novamente, na estação de trem, em busca de um destino todo seu.

E munidos da trilha sonora nos sentidos do ouvir, nunca devemos subestimar nossas primeiras impressões à cerca de um filme. Nesse primeiro contato, toda uma gama de emoções podem nascer de uma relação do espectador com o filme. Contanto que, essa ferramenta ou “material bruto”, controlem nossas hipóteses enquanto analisadores de filmes. É deixando fluir essas primeiras impressões conjuntamente tentando considerar os elementos da composição “química” de que fala o livro de análise fílmica, que abordaremos a cenas à seguir.

5.4. CENA 4 – NA ESTAÇÃO DO TREM – UM PORTAL E UM DESTINO DURAÇÃO: 8.95 MINUTOS - UM PORTAL DE RAMAS, ESTAÇÃO, PLATAFORMA, TREM, APITO, FUMAÇA. UMA ESCOLHA: RICHMOND X LONDRES. UMA DOENÇA. UM HISTÓRICO. UM CONFINAMENTO. UMA LOUCURA. UMA VIDA ROUBADA. UM DESTINO. VIDA X MORTE. ESCOLHAS.



Interessante que esta seqüência aconteça numa estação de trem. Novamente um trem. O mesmo cenário para o texto de Virginia Woolf, “Mr. Bennett and Mrs. Brown” (1978, p. 94-119), onde essa metáfora, de algo que anda sobre trilhos, com vagões, escalas, pontos de partidas e chegadas, possa representar a personagem na ficção; e nesse caso do texto da personagem, a pequena estória ficcional que Woolf escolhe para falar de teoria, o trem também está de partida de Richmond, a mesma Richmond onde em *As Horas*, Mrs. Woolf espera por um trem, em busca de si mesma, numa Londres como destino.

Esta seqüência se inicia com uma campainha tocando logo a seguir a conversa que Mrs. Dalloway tem com sua filha Julia, sobre o momento de felicidade em Weelfleet. Há um corte e já aparece Mrs. Woolf descendo as escadas correndo e agitada. Ela está vestida elegantemente de marrom, com um chapéu também muito elegante, colar, um sobretudo. Mrs. Woolf está pronta e determinada para ir à algum lugar! Curioso que, na maioria das cenas, os cortes são sempre abruptos. As técnicas de transição não se utilizam de mudanças graduais, de fusões, fade-in ou fade-out. A edição de mudanças instantâneas de uma imagem para outra por si só, comenta per se, a fusão dessas mulheres e os espaços físicos e temporais por elas vividos.

Mrs. Woolf passa pelo jardim sorrateiramente. Tem a impressão de que está deixando para trás a carne que cozinha, as lâmpadas acesas e entrou no “reino do pássaro morto” (CUNNINGHAM, 1998, p. 133). Leonard parece que presente, pois já vive em estado de assombro, e por entre pás e flores, ainda com as mãos fincadas na terra, ouve um cachorro que late, e entra em casa.

Temos na seqüência uma repetição da cena do Prólogo. Leonard tira os sapatos, o casaco, abre uma porta, procura por Mrs. Woolf no escritório; vai à cozinha, a serviçal corta batatas, há um pacto de olhares que são cúmplices daquela situação. Leonard se surpreende e corre exatamente como na cena do Prólogo, só que desta vez, irá encontrá-la. Ele também atravessa o portal de ramas, duvida qual caminho a tomar naquele beco aparentemente sem saída, corre pelas ruas desesperado, por entre os carros e finalmente entra na estação correndo e pedindo licença aos transeuntes. Aflito ouve um apito do trem. Aparece a plataforma 1 que tem o aviso do destino para Londres. A câmera muda o seu foco para o final da estação a céu aberto, e lá no final do vão, sentada num banco solitário, está Mrs. Woolf à espera. Leonard pára incrédulo com o que vê. Mrs. Woolf, meio sem graça, como quem é pega num flagrante, diz: “Que prazer inesperado!”. Ele, com um outro humor e com um ar autoritário e paternalista, pergunta-lhe o que está fazendo. Ela explica que saiu de mansinho para não perturbá-lo e ele raivoso com um tom acusatório, como se ela fosse uma criança



peralta, diz que ela lhe perturba quando desaparece. E ela protesta: “eu não desapareço!” Nesse momento temos as duas figuras em paralelos na tela, depois os rostos em close, com suas expressões mais fortes: ele indignado com sua audácia, ela desconfiada, mas assertiva com o que fazia.

Leonard com uma postura inquisidora e o corpo para a frente (como um “sargento, um bedel, e a personificação da censura”), a questiona pelo passeio. Já que é essa justificativa que lhe dá. Vamos embora para casa, lhe diz: “Nelly fez o jantar, e hoje tivemos um dia difícil. E temos obrigação de comer o jantar.” Ele a olha de forma interrogativa e ela se sente espiada e tolhida e explode: “Não existe tal obrigação!” Leonard então lhe fala da sua obrigação com a insanidade. Leonard lhe fala de como deve ser difícil para uma mulher de talento não poder julgar o que é melhor para si. Mrs. Woolf questiona quem pode julgar? Mr. Woolf lhe responde que ela tem um histórico de confinamento, de melancolia, alucinação auditiva, perda de memória, daí a ida para Richmond.

Finalmente, Mr. Woolf também explode, lembrando que ela tentou se matar duas vezes. Mrs. Woolf então se vira, diante da acusação. Ele lhe fala da Editora (A Hoggart, que abriu para ela, como fonte de terapia ocupacional), para que “ela não falasse demais, não escrevesse demais, não sentisse demais e não viajasse impetuosamente a Londres”. Ela, ironicamente, questiona se fez isso como um bordado e ele lhe confessa, aos gritos, que fez tudo por ela e por amor. E que, se não a conhecesse, acharia que ela estaria sendo ingrata. O significado dessa palavra tocou fundo em Mrs. Woolf e ela então faz uma das falas mais comoventes do filme. Diz-lhe que sua vida foi roubada e que vive uma vida que não deseja, e pergunta impotente como tudo isso foi acontecer. Nesse momento, o cenário é de profundo silêncio e solidão. O foco fica só em Mrs. Woolf, todo o resto da estação fora de foco, somente um funcionário ao longe, que olha aquele casal no final da plataforma, como se a plataforma fosse um palco somente deles, e não de trens. O destino já não era Londres!

No entanto, Mrs. Woolf ainda tinha o que dizer. Diz que quer voltar para Londres. Leonard baixa a cabeça desolado e sem forças. “Sinto falta de Londres” diz Mrs. Woolf. No romance, é nesse momento que teremos o eco das palavras da Mrs. Dalloway primeira, a do romance *Mrs. Dalloway*: “Que agitação! Que mergulho! Parece-lhe que pode sobreviver, prosperar, se tiver Londres à sua volta [...]” (CUNNINGHAM, 1998, p. 135).

E Leonard desqualifica sua voz, lhe dizendo que não era ela que falava, mas que aquilo era um aspecto da doença. E ela indignada e com todas as suas forças grita: “É a minha voz, e só



minha”. Nesse momento não temos nenhuma música, só o silêncio e os rostos dos dois em close. Ele ainda tenta dizer que são as vozes que ela ouve. E ela retruca: “É a minha!”. Diz que está definhando e morrendo naquele lugar, e os seus gritos ecoam como um pedido de socorro. No romance, Mrs. Woolf fala que “[...] está morrendo aos poucos num leito de rosas. Melhor, na verdade, mergulhar a barbatana na água do que viver escondida” (CUNNINGHAM, 1998, p. 136).

Clarice Lispector em *Água Viva*, também fala desse des-encontro consigo mesma: “Não encontro resposta: sou. É isto apenas o que me vem da vida. Mas sou o quê? A resposta é apenas: sou o quê. Embora às vezes grite: não quero mais ser eu!! Mas eu me grudo a mim e inextricavelmente, forma-se uma tessitura de vida” (1978, p. 1-23) . Talvez Mrs. Woolf estivesse grudada nela mesma e buscasse essa tessitura de vida longe de um descanso mortal, e assim como Clarice (e não Clarissa!) não quisesse a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de sentido, mas uma verdade inventada.

Nesse momento ouvimos o som do piano, a trilha sonora se re-instaura paulatinamente, como se a decisão de sua escolha, de uma certa forma, apontasse para uma vida melhor, embora saberemos que isso não acontecerá.

Mrs. Woolf fala que a escolha é sua, que qualquer paciente tem esse direito, e que isso é o que define a condição humana. Confessa-lhe que gostaria de viver nesse sossego, mas é veemente quando diz que se tiver que escolher entre Richmond e a morte, escolherá a morte. Mrs. Woolf chora, Leonard também, e concorda : Que seja Londres! Leonard olha para o trem que chega, a fumaça, o apito e novos trilhos a seguir. Ele se aflige, chora, Virginia se compadece daquele homem, que assim como ela, também se vê impotente.

De repente ele pergunta se ela está com fome? Tentando voltar à normalidade. Mas é igualmente irônico, pois ele bem sabe que o não comer também faz parte do quadro do seu histórico, como aparece nessa fala do romance: “Não comer é um vício, quase uma droga – com o estômago vazio, sente-se veloz e limpa, desanuviada, pronta para uma briga.” (CUNNINGHAM, 1998, p.34). Virginia sorri em estado de mútua compreensão. Leonard lhe acaricia as costas como se compreendesse a sua decisão. Os dois se olham em profundo entendimento, mas também em estado de impotência mútua. A voz do funcionário grita, avisando que o trem para Londres já está estacionado na Plataforma 1. Mas o seu grito já não importa. Ainda não é nesse trem que Mrs. Woolf tomará os seus trilhos.

Mr. e Mrs. Woolf caminham por entre os passageiros, pela fumaça do trem, por entre o murmúrio das pessoas, e ouvimos a voz de Mrs. Woolf, enquanto eles caminham já de costas: “Não



se pode ter paz evitando a vida Leonard.”. Mrs. Woolf queria ultrapassar a linha do mundo, assim como a personagem de *Água Viva*:

Eu me ultrapasso abdicando de mim e então sou o mundo; sigo a voz do mundo, eu mesma de súbito com voz única.....Mas o meu principal está sempre escondido. Sou implícita. E quando vou me explicitar perco a úmida intimidade....A vida mal e mal me escapa embora me venha a certeza de que a vida é outra e tem um estilo oculto (LISPECTOR, 1978 p. 24-27).

Ao final da seqüência, temos novamente a voz do “station man”: Trem para Londres!!! Há um corte e temos a seqüência de Mrs. Brown que estaciona seu carro para buscar Richard, seu filho, que grita desesperado através do vidro da janela: Mamãe!, também num grito de pedido de socorro. Assim como Mr. Woolf resgata Mrs. Woolf na estação, Mrs. Brown também chega para resgatar Richard, já que ela não foi a lugar nenhum tão pouco, ou melhor, foi ao lugar de uma epifania toda sua; ao seu momento de iluminação e de despertar; ao seu momento de decisão de uma escolha: uma escolha para a vida! O olhar assustado do menino Richard através da vidraça, expõe, no entanto, o saber inconsciente da fragilidade da mãe.

Na vida real temos sempre que lidar com as escolhas que fazemos. Existe sempre um caminho a seguir, mas que nem sempre temos a convicção do qual seguir. Mrs. Woolf vai se sentir sempre encurralada diante das bifurcações existenciais e literárias, como ela mesma define: “Parece-lhe, naquele momento, estar atravessada sobre uma linha invisível, um pé deste lado, o outro daquele” (CUNNINGHAM, 1998, p. 138).

No romance, Mrs. Woolf define esse momento na estação como se estivesse atravessando uma linha invisível onde um lado estivesse o “austero e preocupado Leonard, a fileira de lojas fechadas, a ladeira escura que leva de volta a Hogarth House, onde Nelly aguarda com impaciência, quase com alegria, a chance seguinte de ter mais um motivo de queixa.” E do outro lado, “[...] está o trem. Do outro lado estão Londres e tudo o que Londres sugere de liberdade, de beijos, de possibilidades de arte, do brilho obscuro da loucura”.

Ao se defrontar com essas definições do que seja Richmond x Londres; o campo x a cidade; a calma x o agito; a vida x a morte, Mrs. Woolf está todo o tempo falando das escolhas, principalmente das escolhas da vida de uma mulher.

Em *As Horas*, as escolhas na vida de uma mulher, vêm sempre acompanhadas de um certo sentimento de fracasso, de possibilidades perdidas, ou de talentos inexploráveis, numa tentativa de alcançar-se a si mesma, de almejar aquilo que teria preferido ser, ou estar em um outro lugar, enfim levar uma outra vida, ou se compadecer da sua própria vida e do que tem feito da sua trajetória.

A capacidade de conciliação do mundo cotidiano/doméstico com o mundo lá fora, tem sido a batalha inexorável da mulher moderna e pós-moderna. O ter que fazer tudo ao mesmo tempo, a busca da realização



profissional, o desempenho dos papéis seculares, gera na mulher, essa angústia existencial da busca pela felicidade perdida.

Dentre essas escolhas, importante ressaltar as escolhas artísticas e sua criação, como exclama Clarissa Vaughn: “eu queria criar alguma coisa suficientemente viva e chocante para poder existir ao lado de uma manhã na vida de alguém. A mais comum das manhãs. Imagine tentar uma coisa dessas. Que tolice!” (CUNNINGHAM, 1998, p. 158).

Não foi só Virginia Woolf a explorar o tema da criação artística conciliado à vida privada e da casa. O existencial perdido entre quatro paredes, foi e continua a ser, fonte do sofrimento feminino, por vezes culminando com a própria morte. Essa dor psíquica é recorrente em muitas outras obras, como por exemplo nas poetisas: a americana/inglesa Sylvia Plath, e a brasileira Ana Cristina César: “Não volto às letras, que doem como um a catástrofe. Não escrevo mais. Não milito mais. Estou no meio da cena, entre quem adoro e quem me adora. Daqui do meio sinto cara afogueada, mão gelada, ardor dentro do gogó...” (CÉSAR, 1998, p.107). Ambas buscaram no suicídio, a única saída para o encurralamento dos dilemas psíquicos e existenciais:

Já no filme *Sylvia* (Christine Jeffs, 2003), sobre a vida de Plath, temos as escolhas expostas sangrando em carne viva, com muitos diálogos reveladores sobre a angústia da encruzilhada das escolhas na vida de uma mulher que quer se realizar profissional e artisticamente:

*As vezes eu sonho com uma árvore
E a árvore é a minha vida
Um ramo é o homem com quem vou me casar...
E as folhas, meus filhos
Outro ramo é meu futuro como escritora
E cada folha é um poema
Outro ramo é uma brilhante carreira acadêmica
Mas enquanto fico sentada
Tentando escolher
As folhas começam a ficar marrons e cair...
Até a árvore ficar completamente nua.
(Sylvia Plath)*

Ainda no filme acontece um diálogo entre Sylvia Plath e o seu marido, o também poeta Ted Hughs, extremamente revelador dessa questão tão subjetiva, por vezes até difícil de se entender, quando se trata dos entrelaçamentos entre o público e o privado na vida de uma mulher:

Ted: “Sabe qual é o seu problema? Não há segredo. Você só tem que escolher um TEMA, e concentrar-se nele.”

Sylvia: “Tem que escrever. É o que os poetas fazem. É fácil para você dizer. Você anda de bicicleta e chega com um épico em hexâmetros. Eu me sento para escrever e FAÇO BOLOS! Sabe qual é o meu problema? É que não tenho UM TEMA.”

Ted: “X Você já tem UM TEMA – VOCÊ. E continua a dar voltas ao redor da questão. (grifos meus)



E por fim Sylvia explode numa frase tão reveladora dessa inconsistência secularmente atribuída à experiência feminina: “Às vezes sinto que não sou SÓLIDA. Sou oca. Sou o negativo de uma pessoa.” Frase essa que poderia ser extraída de Simone de Beauvoir, de Virginia Woolf ou dita por Laura Brown, quando tentava fazer um bolo perfeito, ou por Clarissa Vaughn, esta última quando dialogava com Louis na cozinha.

Mrs. Woolf não fazia bolos, nem tão pouco procurava por um tema. Já tinha o seu: um dia na vida de uma mulher – *Mrs. Dalloway!* Mas estava confinada, e tendo que ter consciência do seu histórico; se alimentar bem e repousar e repousar, das vozes e da vida. Esse tratamento do confinamento, ao invés de paz, estava lhe deixando ainda mais confusa e ansiosa.

Assim como ao poder médico, Mrs. Woolf, na sua cena do trem, faz também uma crítica ao poder do masculino, do marido e da ordem patriarcal. Poder esse que a prendia num cativeiro doméstico numa “severa melancolia atrás de sorrisos trêmulos”, como falou Arnaldo Jabor ao analisar o filme *As Horas* no seu artigo “A depressão nos salva da alegria de mercado” (2004). Jabor reafirma que no filme correm paralelas as três fases da infelicidade das mulheres nos últimos cem anos e enumera: “a depressão pós-vitoriana, a depressão nos anos 50 e a depressão hoje.” Jabor comenta que as mulheres carregam “o fardo da dor histórica” por serem mais sensíveis e mais dominadas. Que os homens, donos da ilusão fálica, escamoteiam essa dor como uma mania qualquer, com uma obsessão bélica, financeira ou política, enquanto as mulheres ficam com essa dor incompreendida. Ele faz referência à geração anterior como aquela que tem uma infelicidade tristonha, com lâmpada fraca, de novela de rádio, lágrimas furtivas e o marido reinando, e que hoje mudou a dominação. A dominação hoje se dá pela fragmentação das famílias e do corpo (despedaçou-se em coxas, peitos e bundas), constituindo assim um mundo não linear.

As conquistas femininas marcaram a reformulação de uma nova mulher, embora essas reformulações ainda não bastassem necessariamente para uma verdadeira modificação; àquela que se fundaria sobre o inconsciente. Se as mulheres se deprimem com mais frequência do que os homens, é porque existe na experiência feminina testemunhos da dor psíquica ligada a um afeto de não-ser assim também como um sentimento de incompletude radical. Mrs. Woolf se suicida para permitir ao marido uma vida melhor; Mrs. Brown quer preparar o melhor bolo de aniversário como prova de amor, e Clarissa faz da essência de se dar, um centro importante de sua vida. *As Horas* retrata histórias belas, mas igualmente tristes e inquietantes, por percebermos que a vida dessas mulheres nos levam a perceber que, por mais que Virginia, Laura e Clarissa pensem que estão sozinhas, elas experimentam sentimentos que se repetem pelas gerações.



Referências Bibliográficas

- CÉSAR, Ana Cristina. **A teus pés**. São Paulo: Ática, 1998.
- CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.
- JABOR, Arnaldo. A depressão nos salva da alegria de mercado. **Internet**, 11 mar. 2000.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- WOOLF, Virginia. Mr. Bennett and Mrs. Brown. In: **The captains bed and other essays**. New York and London: A Harvest/HBJ Book, 1978. p. 94-119
- _____. The Cinema. In: **The captains's death bed and other essays**. New York and London: A Harvest/HBJ Book, 1978. p. 180-186.
- _____. **Momentos de vida**: um mergulho no passado e na emoção. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Mrs. Dalloway**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tania et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo/Instituto Itaú Cultural, 2003.

Referência da Filmografia:

- AS HORAS (The Hours). Direção: Stephen Daldry. Produção: Scott Rudin e Robert Fox. Interpretes: Nicole Kidman, Juliane Moore, Meryl Streep, Ed Harris, Toni Collette, Claire Danes, Jeff Daniels, John C. Reilly, Miranda Richardson. Roteiro: David Hare. Música: David Hare. Pictures. 2002. 1 DVD (115 min.), widescreen color. Produzido pela Miramax International e Paramount.
- A DONA da História, Direção de Daniel Filho. Globo filmes, Lereby Produções e Mira Vista, 2004.
- MRS. DALLOWAY. Direção: Marleen Gorris. Great Britain, 1998.
- SYLVIA. Direção: Christine Jeffs. Produção: BBC Films Capitol Films, UK Film Council, 2003. 1 DVD (113 min.), widescreen color.